



Ano 2, Número 7 Agosto-Setembro/2019

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

**BALANÇO PARCIAL DA ECONOMIA
BRASILEIRA E ALAGOANA**

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

BALANÇO PARCIAL DA ECONOMIA BRASILEIRA E ALAGOANA

NESTA EDIÇÃO

- 1. O PIB do país no segundo trimestre*
- 2. A economia alagoana em perspectiva*
 - a. Arrecadação ICMS*
 - b. Taxa de ocupação da economia*
 - c. Balança comercial*
- 3. Artigo do Mês*
- 4. Painel Brasil*
- 5. Painel Alagoas. Um resumo da socioeconomia alagoana*
- 6. Expediente.*

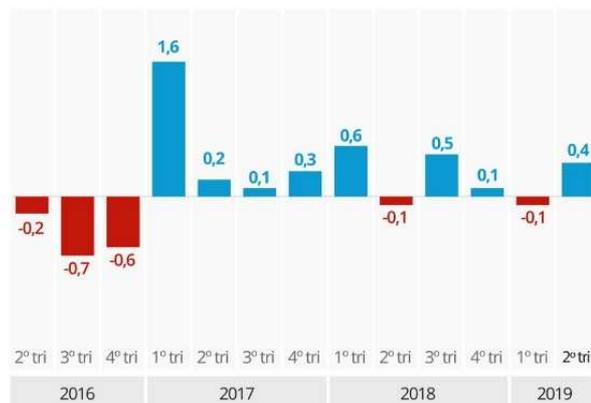
EVOLUÇÃO DO PIB 2º TRIMESTRE 2019

O PIB do Brasil teve alta de 0,4% no 2º trimestre de 2019 em comparação com o 1º trimestre de 2019. O PIB totalizou, em valores correntes, R\$ 1,78 trilhões. Na comparação com igual período de 2018, o PIB subiu 1,0%.

A variação positiva surpreendeu o mercado, que esperava uma alta de apenas 0,2% para o período,

VARIAÇÃO TRIMESTRAL DO PIB BRASILEIRO

Em %, contra o trimestre anterior



Fonte: IBGE



Infográfico elaborado em: 29/08/2019

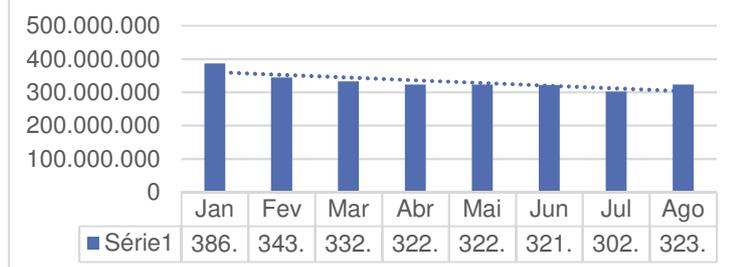
e 0,8% em valores anualizados; ainda mais em um cenário em que o primeiro trimestre já havia apresentado uma contração da economia de 0,2% em comparação com igual período do ano anterior.

Em termos setoriais, a maior alta ficou com a indústria (0,7%), seguida pelo setor de serviços (0,3%), enquanto que o setor do agronegócio apresentou queda de 0,4%. Quem mais influenciou no resultado foram as indústrias de transformação (2,0%) e construção civil (1,9%). As maiores quedas ficaram com as indústrias extrativas (-3,8%) e as atividades de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão e resíduos (-0,7%).

Arrecadação de ICMS Alagoas – 2019 (Sefaz, 2019)

No caso de Alagoas, apesar de uma leve recuperação no mês de agosto, o estado apresenta uma linha de tendência decrescente no tocante à arrecadação de ICMS desde o início do ano. Seguimos como o quarto estado nordestino que mais fechou empresas nos últimos 18 meses: foram 263 estabelecimentos a menos no período (estamos atrás do CE, BA e PE). Em termos de Brasil, estamos na 12ª posição no número de fechamento de empresas. Para se fazer uma comparação, o Estado de Sergipe fechou apenas 72 lojas no mesmo período e a Paraíba, apenas 65.

Receita ICMS Alagoas 2019, jan-ago



Taxa de Ocupação da Economia Alagoana

Os dados socioeconômicos de Alagoas seguem difíceis. Mais de 1,5 milhões de alagoanos vivem em situação de extrema pobreza (aproximadamente 49% de uma população de pouco mais de 3,3 milhões de habitantes), e o desemprego está mais alto que a média nacional (Brasil, 12%), com um percentual de 14,6% da PEA (População Economicamente Ativa).

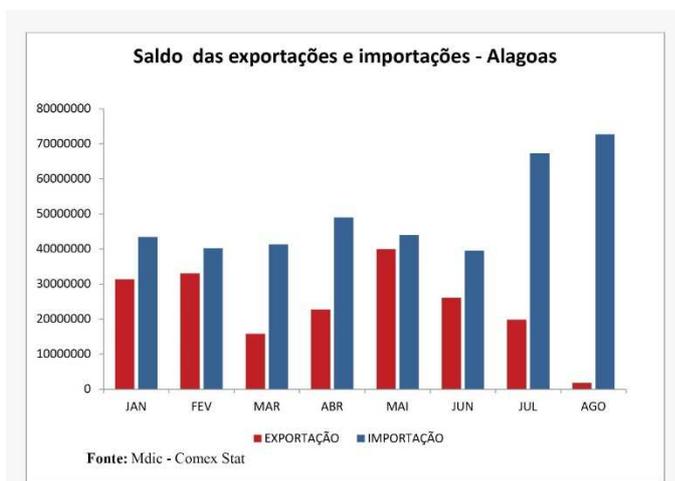
O percentual de desalentados (aqueles que já perderam a esperança de arranjar emprego) no estado saltou para 15,2%, perdendo apenas para o estado do Maranhão, com 18,4%. Somado a esses números, a situação dos negócios por aqui é muito frágil, se levarmos em conta o nível de informalidade da nossa economia. Segundo dados do IBGE, mais de 34% dos alagoanos exercem suas atividades sem carteira assinada e sem garantias trabalhistas, enquanto que mais de 28% deles trabalham por conta própria.

Balança Comercial

Contrariamente ao cenário nacional Alagoas vem registrando, ao longo de 2019, déficits na balança comercial. Diante disso, mesmo com os números elevados de produção e exportação de açúcar, o fato de não haver uma diversificação no setor industrial, faz com que o estado necessite de um número maior de produtos importados. Esse registro deficitário nas exportações líquidas pode ser explicado também pela sazonalidade da safra de açúcar, fazendo com que, em alguns meses, o nível de exportação caia de forma substancial.

Ou seja, a estrutura da economia alagoana não mudou com o tempo, ficando totalmente dependente de poucos setores em sua base comercial. Este fator determina, em grande medida, os preços internos de sua economia, uma vez que a população local precisa importar praticamente tudo o que consome.

Observa-se que, entre os meses de janeiro e agosto de 2019, os produtos manufaturados representam 86,2% das importações alagoanas, fechando em 342,31 milhões de dólares, um acréscimo de 0,4% em relação ao mesmo período de 2018. Os produtos básicos assinalaram um montante de US\$ 44,45 milhões.



Os resultados da balança comercial alagoana registram um déficit de US\$ 206,81 milhões, conforme figura abaixo. Em grande medida, temos uma redução na produção e exportação dos principais produtos da economia local: derivados da cana (açúcar e álcool) e derivados de soda e cloro. Os dois setores mais importantes da economia alagoana estão derretendo: diversas usinas fecharam suas portas e a Braskem - responsável pelo produto no Estado - anunciou, no mês passado, a paralisação das atividades de exploração de sal-gema (matéria-prima para a fabricação de PVC).



Artigo do Mês (Fábio Leão, economista e analista da UGE)

O Rentismo e a Dinâmica da Democracia Capitalista: Capitalismo Rentista, Mobilidade Intergeracional e as MPES

Diversos fenômenos têm assombrado o processo de desenvolvimento em escala mundial e as consequentes melhorias nos padrões de vida, oportunidades de ascensão social e incremento no bem-estar social. Mobilidade social, evolução intergeracional, renda média e o capitalismo rentista são temas do momento que já poderiam e deveriam ter sido superados, mas que retomam à carga inclusive nos países mais desenvolvidos como os EUA, países da Europa (França, Itália, Alemanha) e da Ásia (Japão, China).

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) realizou um estudo intitulado “O elevador social está quebrado? Como promover a mobilidade social”, com dados de 30 países, que mostra a chance de uma criança de baixa renda ter um futuro melhor daquele em que nasceu. As chances de mudança, segundo o estudo, estão relacionadas à escolaridade e ao nível de renda de seus pais. Nos países desenvolvidos o elevador anda mais rápido, enquanto que nos países em desenvolvimento, o elevador é mais lento. No caso do Brasil, o elevador parece que está quebrado, posto que estamos na segunda pior posição entre os 30 países pesquisados.

Ainda de acordo com o estudo da OCDE, seriam necessárias nove gerações para que os descendentes de um brasileiro entre os 10% mais pobres atingissem o nível médio de rendimento do país. A estimativa é a mesma para a África do Sul e só perde para a Colômbia, onde o período de ascensão levaria 11 gerações. O indicador criado no estudo revela o quanto o nível de renda dos filhos é determinado pela renda dos pais. Para os países membros da OCDE, a “persistência” (de renda) intergeracional é de 40%. Isso significa que, se uma família tem rendimento duas vezes maior que de outra, o filho terá, em média, renda 40% mais alta que a da criança que veio da família de menor renda. Nos países nórdicos, a persistência é de 20%. No Brasil, de 70%, conforme a pesquisa. Mais de um terço daqueles que nascem entre os 20% mais pobres no Brasil permanece na base da pirâmide, enquanto apenas 7% consegue chegar aos 20% mais ricos. Na média da OCDE, 31% dos filhos que crescem entre 20% mais pobres permanecem nesse grupo e 17% ascendem ao topo da pirâmide.

A falta de mobilidade social no país impacta fortemente no mundo dos negócios e na economia como um todo. Níveis baixos de educação e renda puxam para baixo o nível de produtividade da economia e a torna mais simples, com menos níveis de relação entre os elos de fabricação dos produtos, da fabricação ao consumidor final. Economias assim são especializadas em construção, serviços de baixa intensidade tecnológica, serviços médicos; e importam grande parte dos produtos industrializados, gerando desajustes nas balanças de pagamento.

Juntando a este cenário negativo, nos encontramos com um grande nível de informalidade no país e um desastre em termos de recomposição dos empregos e rendimentos perdidos. A realidade tem mostrado ao país que a estrutura de emprego e renda está diuturnamente sendo achatada e que a recomposição lenta chegará em um novo ponto de equilíbrio bem abaixo da situação pré-crise, por volta de 2014 – 2015.

O capitalismo rentista é outro fenômeno que não é novo, mas vem intensificando seus efeitos na economia e nos princípios da democracia. Vários artigos e estudos internacionais têm demonstrado essa preocupação ao afirmarem que a economia não está mais beneficiando igualmente a todos

como no passado, e isso tem gerado, como consequência, o surgimento de um perigoso populismo que por sua vez ameaça à democracia liberal.

As últimas quatro décadas têm revelado uma trindade nebulosa no cenário internacional: a desaceleração do crescimento da produtividade, a disparidade da desigualdade e os enormes choques financeiros. O declínio da produtividade ocorre em um momento crucial de revolução digital acontecendo em diversas partes do mundo, tanto no mundo corporativo quanto no dia a dia das pessoas comuns. Esta efervescência tecnológica deveria estar acompanhada de ganhos de produtividade, porém não a vislumbramos nos balanços de pagamentos das organizações – um sinal de que os ganhos concretos somente se espalharão pela economia das massas nos anos vindouros.

O capitalismo rentista parece responder às outras duas pontas da trindade. O alargamento do fosso da desigualdade apresenta-se como um resultado do processo das grandes rendas advindas do lado financeiro da economia. Este tipo de capitalismo nos remete a uma noção de monopolização do acesso a qualquer tipo de propriedade e em obter quantias significativas de lucro sem contribuição para a sociedade.

Os problemas são observados em diversos aspectos da sociedade. As observações de Jason Furman (economista de Harvard) e Peter Orszag (economista e banqueiro americano) são capitais para entender o drama da “financeirização” das relações sociais e econômicas atuais. Segundo suas observações: “De 1948 a 1973, a renda familiar mediana real americana cresceu 3% anualmente. Com esse percentual, havia uma probabilidade de 96% de que uma criança teria uma renda maior que a de seus pais. Desde 1973, a família mediana viu sua renda real crescer só 0,4% anualmente. Em decorrência disso, 28% das crianças terão renda inferior à de seus pais”. Estas observações encontram eco em diversas outras partes do mundo, como aliás já foi citado no início deste artigo, na pesquisa da OCDE.

O problema que o capitalismo rentista apresenta – além do monopólio das oportunidades e do acesso a recursos financeiros e concentração de salários – é que oferece uma renda desproporcional aos poucos sortudos das agências financeiras mundiais. Isso tende a desencorajar o uso de recursos no setor produtivo.

Como quebrar este círculo vicioso? Que lições podemos tirar de tudo isso para o nosso dia a dia? Como as organizações que dão suporte ao setor produtivo podem realizar seus planejamentos para abarcar segmentos que, de fato, possam contribuir com o mundo da produção real e não com o mundo estéril das finanças? Como as empresas de pequeno porte podem investir para reforçar os laços produtivos com o mundo real?

As respostas a estas e outras perguntas são direcionadoras de futuro. As informações sobre o que está ocorrendo no mundo são apenas ‘direcionadores’ (*drives*) do nosso futuro, a partir das decisões tomadas no presente. Portanto, que tomemos decisões corajosas para a maioria e para a inclusão – a despeito dos modismos tecnológicos ou financeiros, que sempre virão.

PAINEL DE INDICADORES: BRASIL E ALAGOAS

Principais Indicadores Econômicos – Brasil

Descrição	2015	2016	2017	2018	Último Dado	Previsão Focus (BCB) 2019
I – Atividade Econômica						
PIB real (%)*	-3,8	-3,6	1	1,4	3º tri/2018	2,48
Produção industrial (%) *	-8,30%	-6,60%	2,50%	1,10%	dez/18	2,90
Comércio Varejista (var. volume vendas) *	-4,3	-6,2	2	2,6	nov/18	-
Taxa Desocupação (PNAD contínua)	9	12	11,8	11,6	out/nov/dez**	-
II – Inflação						
IPCA (%)*	10,7	6,3	3	3,8	dez/18	3,85
IGP-DI (%)*	10,7	7,2	-0,5	7,6	dez/18	4,05
III – Juros e Câmbio						
Selic (%)	14,25	13,75	7	6,5	dez/18	6,5
TJLP (%)	7	7,5	7	7,03	jan/fev/mar	-
R\$/US\$	3,9	3,25	3,3	3,74	22/02/2019	3,70
IV – Setor Externo						
Balança Comercial (US\$ bilhões)*	19,7	47,72	66,99	60,6	dez/18	51,00
Investimento Estrangeiro Direto (% PIB)*	4,2	4,4	3,4	4,7	dez/18	-
Reservas Internacionais (US\$ bilhões)	356,46	372,22	381,97	378,10	21/02/19	-
V – Crédito (SFN)						
Taxa de Juros (% a.a.)	29,8	32	25,6	23,3	dez/18	-
Inadimplência (%)	3,4	3,7	3,2	2,9	dez/18	-

*Acumulado em 12 meses; ** Trimestre Móvel

Painel Alagoas

Indicador	Valor
Taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (IBGE, PNADC, 2017)	18,20%
Escolaridade média da população adulta (IBGE, PNADC, 2017)	7,1 anos
Taxa de desemprego (IBGE, 2017)	17,20%
Renda domiciliar per capita	R\$ 658,00
Geração nem nem nem (nem trabalha, nem estuda, nem procura emprego) (IBGE, 2018)	26,35%
Índice de Gini* (IBGE, 2018)	0,46
PIB (bilhões) (IBGE, 2017)	R\$ 37.223
PIB per capita	R\$ 13.422
IDH-M** (IBGE, 2016)	0,667
IPC (junho/18) (Alagoas em Dados, 2018)	0,65%

Expediente Boletim Caminhos Estratégicos de Mercado – UGE

Presidente do Conselho Deliberativo

José da Silva Nogueira Filho

Diretor Superintendente

Marcos Antonio da Rocha Vieira

Diretor Técnico

Ronaldo de Moraes e Silva

Diretor de Administração e Finanças

José Roberval Cabral

Gerente da Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Fabírcia Carneiro Fernandes

Equipe UGE

Fábio Leão (conteúdo)

Isadora Barros

Geanne Daniella

Sandra Vilela

Alicya Chaves (trainee)

Colaboração

Mariana Cruz (estagiária)